



O duo de Estrasburgo e Paul Leuilliot: o nascimento da Revue des Annales d'Histoire Économique et Sociale

The duo of Strasbourg and Paul Leuilliot: the birth of the *Revue des Annales d'Histoire Economique et Sociale*

LIMA, Andrew Guilherme Okamura *

Resumo: Nosso artigo consiste em analisar o período inicial da revista dos *Annales*. Para isso trabalhamos o contexto da vida dos próprios pais fundadores, suas heranças imateriais e suas influências. Dedicamo-nos, ainda, a estabelecer um pequeno paralelo em relação ao pensamento de Bloch e Febvre, a fim de tornar mais clara a relação, por vezes, contraditória dos dois historiadores. Contudo, apesar dessas diferenças, houve uma união em Estrasburgo de forma que o projeto de uma revista de âmbito internacional fosse viabilizado. Ainda em relação à revista, observamos uma grande dificuldade nas negociações com a *Librarie Armand Colin*, que passou a interferir diretamente na constituição dos nomes dos membros do corpo editorial. Também pudemos vislumbrar a importância da figura de Paul Leuilliot na organização dos *Annales*.

Palavras-chave: Lucien Febvre. Marc Bloch. Annales d'histoire économique et sociale. Paul Leuilliot.

147

Abstract: Our article aims to analyze the initial period of the journal *Annales*. For this work the context of the lives of the founding fathers themselves, their heritage and their influences imaterials. We are dedicated also to establish a small parallel to the thought of Bloch and Febvre in order to clarify the often contradictory relationship of the two historians. However, despite these differences, there was a marriage in Strasbourg so that the design of a magazine was made possible internationally. Also in relation to the magazine, we observed a great difficulty in negotiations with *Librarie Armand Colin*, who began to intervene directly in the constitution of the names of the members of the editorial board. We also glimpse the importance of the figure of Paul Leuilliot in organizing the *Annales*.

Keywords: Lucien Febvre. Marc Bloch. Annales d'histoire économique et sociale. Paul Leuilliot.

* Mestre em História – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP – Universidade Estadual Paulista, Campus de Assis – Av. Dom Antonio, 2100, CEP: 19806-900, Assis, São Paulo, Brasil. Bolsista CAPES. E-mail: andrewokamura@yahoo.com.br.

Prólogo

Como bem ressaltou Fernando Novais e Rogério Forastieri, a Nova História, aos poucos, vai “se constituindo objeto da historiografia” (NOVAIS, 2011, p.07). Essa nova história, que teve como uma de suas matrizes a revista *dos Annales d'Histoire Economique et Sociale*, aos poucos, passa a ser matéria dos estudiosos da historiografia.

Ainda que de forma tímida, percebemos um movimento de buscar entender e de se estudar a relevância, não apenas das obras dos pais fundadores da revista, mas da própria revista em si. Nesse sentido, alguns historiadores têm se debruçado para compreender o desenvolvimento da escola dos *Annales*, de Lucien Febvre e de Marc Bloch.

As obras de Marc Bloch e Lucien Febvre já constam entre os clássicos da ciência histórica e humana, muitas vezes mais faladas que lidas. Esses estudos, a grosso modo, versam sobre a questão da geografia vidaliana até o desenvolvimento da história das mentalidades. Com essa diversidade de estudos, eles nos legaram inúmeros indícios, pistas e sinais de um novo olhar metodológico para a disciplina história.

É certo que esse pioneirismo suscitou inúmeras ressalvas e críticas, o próprio testemunho dos pais fundadores nos revela isso claramente:

Portanto, sozinho na arena, fiz o melhor que pude. Das coisas que fui capaz de dizer, ao longo de cinquenta anos, algumas que pareciam audaciosas quando as formulei pela primeira vez, caíram no domínio comum. Outras continuam a ser postas em questão. A sorte do pioneiro é ilusória: ou a sua geração lhe dá quase logo razão e absorve num grande esforço colectivo o seu esforço isolado de investigador; ou ela lhe resiste e deixa à geração seguinte o encargo de fazer germinar a semente prematuramente lançada nos regos. Esta a razão por que o sucesso prolongado de certos livros surpreende o seu autor: é que eles não encontraram o seu verdadeiro público senão dez, quinze anos após a publicação, e quando lhes chegaram apoios de fora. (FEBVRE, 1989, p.09)

Ou ainda:

Receio que as pessoas a quem confiei minhas intenções tenham-me, mais de uma vez, considerado vítima de uma curiosidade bizarra e, no fim das contas, bastante fútil. Em que vereda eu me metera! “This curious by path of your”, diziam-me com palavras adequadas um amável inglês. (BLOCH, 2005, p.43)

Aos poucos, a história da revista dos *Annales* e, por consequência, a história de Marc Bloch e Lucien Febvre, se tornam cada vez mais distantes, ou seja, passíveis de novos estudos, novos apontamentos e novas críticas. Nesse sentido, há um revisionismo sobre os *Annales*, da constituição e do fortalecimento dessa escola. É certo que o projeto nasceu do pensamento de Lucien Febvre, como uma tentativa de criar uma revista de âmbito internacional. É certo, também, que Marc Bloch participou ativamente do projeto e do



corpo da revista. A própria constituição de uma revista crítica que buscava romper o discurso histórico predominante, nos leva a uma série de questionamentos em relação ao positivismo: – em quais pontos, a dita história positivista influenciou ou não os *Annales*? – Os próprios mestres positivistas, tão atacados por Lucien Febvre, na figura de seu antigo mestre Charles Seignobos, realmente não praticaram, até certo ponto, uma história coerente? – Por que, apesar do ataque implacável de Lucien Febvre, Marc Bloch se manteve praticamente neutro, ou mesmo expressou a sua admiração pelos antigos mestres? – Essas são questões importantes, mas que não serão os pontos de nossa reflexão neste artigo¹.

Mesmo sem nos debruçarmos nas questões levantadas acima, elas nos indicam uma luta pelo poder, ou melhor, uma luta pela consolidação de uma nova escola, que emerge às sombras da antiga e poderosa escola positivista, e que, para conseguir ganhar espaço e força institucional, fora obrigada a atacar os antigos mestres², segundo Le Goff:

Antes de tudo, tirar a história do marasmo da rotina, em primeiro lugar de seu confinamento em barreiras estritamente disciplinares, era o que Lucien Febvre chamava, em 1932, de “derrubar as velhas paredes antiquadas, os amontoados babilônicos de preconceitos, rotinas, erros de concepção e de compreensão”. (LE GOFF, 2005, p.38)

Portanto, o enfoque deste artigo não será a discussão com o positivismo, ou mesmo uma análise profunda das obras de Bloch e Febvre. Dentro de todo o revisionismo que está ocorrendo em relação aos *Annales*, o nosso objetivo é analisar, mesmo que de maneira

¹A relação entre o positivismo e os *Annales*, suscita um caloroso debate, principalmente hoje, quando está havendo uma releitura dos principais representantes da escola positivista, como Charles Seignobos e Charles-Victor Langlois. É de conhecimento geral, que Lucien Febvre atacou de forma feroz seus antigos mestres, muitas vezes injustamente, a tal ponto de Bloch sempre se manter meio reticente a esses ataques. Acerca este debate, podemos encontrar no livro *Teoria da História: A Escola dos Annales e a Nova História* de José d’Assunção Barros, no segundo capítulo uma boa explicação acerca da relação do positivismo com os *Annales*, ao afirmar, na página 63, que “Marc Bloch, um dos fundadores do movimento, possui em seu acorde teórico notas de um positivismo inspirado em Durkheim”. Há uma gama de livros que trabalham a ruptura realizada pelos *Annales* com a escola positivista, como *A escola dos Annales 1929- 1989*, de Peter Burke, que nos oferece um panorama geral da escola, mas nada que resulte em uma análise mais profunda da relação com o positivismo. Outra obra que traça uma perspectiva mais completa do campo intelectual acerca da criação dos *Annales* é *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*, de François Dosse. Em seu primeiro capítulo “A pré-história dos *Annales*”, o autor analisou o contexto de avanço da escola positivista, assim como suas influências para a disciplina histórica, principalmente no subcapítulo “A era Lavisse”. As obras mais recentes como, *Correntes históricas na França: séculos XIX e XX*, já realizam um balanço da importância da escola positivista. Em sua obra *La escuela de los Annales: una historia intelectual*, André Burguière nos fornece um panorama de toda a escola, partindo de seus pais fundadores até chegar na “crise” da nova história. Nesta obra Burguière mostra como os *Annales* procuraram paulatinamente ocupar os cargos e os espaços deixados pela escola positivista, principalmente, após o isolamento da escola durkheimiana, que segundo o autor, era admirada por quase todos os historiadores franceses.

² Este fato foi trabalhado por José d’Assunção Barros na primeira parte do quinto volume de sua série *Teoria de História: A Escola dos Annales e a Nova História*. Nesta primeira parte o autor procurou analisar o conceito das escolas históricas. Ainda sobre esta temática, Fernando Novais e Rogério Forastieri explicaram na obra *Nova História em perspectiva*, a necessidade, por vezes, que uma nova vertente historiográfica tem em derrubar a antiga escola, o que justificaria os ataques frontais que Lucien Febvre realizou contra os escritos positivistas, como o caso da crítica realizada contra a História da Rússia de Paul Milioukov com o prefácio para a edição francesa de Seignobos.



introdutória, como Lucien Febvre e Marc Bloch conseguiram lançar a revista dos *Annales*. Qual a pré-história dessa revista que tanto influenciou e influencia o pensamento histórico? Como Febvre e Bloch superaram seus fracassos iniciais e posteriormente conseguiram viabilizar os *Annales*? – Qual foi a participação de Paul Leuilliot na revista? Estas serão algumas questões que buscaremos responder.

As trajetórias de dois historiadores

Lucien Febvre e Marc Bloch possuíam uma herança imaterial enorme, pois ambos eram oriundos de famílias de intelectuais e professores franceses. Esse fato, certamente, influenciou nas suas escolhas, leituras, amizades, nas suas redes de ligações intelectuais e, também, nas suas inimizadas.

Nascido em 22 de julho de 1878, filho do *agrégé* e professor de gramática do Liceu de Nancy, Paul Febvre, com a senhora Edmondine, Lucien Paul-Victor Febvre herdou o gosto da intelectualidade por influência do pai e do avô³. Ao mesmo tempo que amou, como ele mesmo disse, “a sua pequena pátria”, o Franco Condado, por influência do lado materno. Conseguiu seu bacharelado em 1895, aos 17 anos. Aos 18 anos, mudou-se para Paris a fim de estudar no Liceu Louis-Le-Grand e para se preparar para o concurso de admissão na *École Normale Supérieure*. Foi nesse cenário, de um jovem provincial descobrindo e absorvendo tudo o que a capital lhe oferecia, que Febvre iniciou sua rede de contatos que iria manter até a sua morte em 1956. Henri Wallon, Jules Sion, Albert Thomas, Marcel Ray, Henri Daudin e Léon Werth foram alguns de seus “camaradinhos” da juventude. Como todos os intelectuais e jovens intelectuais de sua época, Febvre foi um *dreyfusard*⁴, segundo as memórias de Paul Leuilliot: “[...] uma noite de outubro, há dois anos somente, ele estava nos contando, em um café da praça Stanislas, evocando sua juventude, suas lembranças do caso Dreyfus em Nancy, onde amava retornar⁵” (LEUILLIOT, 1958, p.209).

Foi ainda nesse período que sofreu a influência do pensamento de Jean Jaurès, aderindo, desse modo, ao socialismo, que o fez publicar em Besançon uma série de artigos políticos entre os anos de 1904 a 1909⁶.

³ Seu avô Benjamin foi professor de retórica no colégio de Gray.

⁴ Para maior informação sobre o caso Dreyfus ver: WINOCK, Michel. Os anos Barrès. In: O século dos intelectuais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. P.13-196; FERRO, Marc. El caso Dreyfus. In: Historia de Francia. Madrid: Cátedra, 2003. P.257-261 e BEGLEY, Louis. O caso Dreyfus: Ilha do Diabo, Guantánamo e o pesadelo da história. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

⁵ “[...] un soir d’octobre, il y a deux ans seulement, il nous contait encore dans un café de la place Stanislas, en évoquant sa prime jeunesse, ses souvenirs de l’affaire Dreyfus à Nancy où il aimait revenir.

⁶ Para maiores informações sobre o engajamento político de Febvre ver: ALTUNA, Jose Antonio Ereño. Lucien Febvre, combates por el socialismo. Bilbao, Universidad de Deusto, 1994.



Professor *agrégé*⁷ de história, em 1902, lecionou no Liceu *Bar-Le-Duc* e depois no liceu de Besançon. Em 1911, publicou sua tese de doutoramento: *Philippe II et La Franche-Comté: étude d'histoire, politique, religieuse et sociale*, que foi acompanhada por uma tese secundária: *Notes et documents sur La reforme et l'Inquisition en Franche-Comté*.

Em 1912, iniciou sua carreira no ensino superior na Faculdade de Letras de Dijon, onde lecionou as disciplinas sobre a História da Borgonha e da arte borgonesa. Ainda lecionou, juntamente com Henri Hauser, a disciplina de História Moderna nessa instituição, onde permaneceu até 1914, quando eclodiu a Primeira Guerra Mundial.

Em 04 de agosto de 1914, foi mobilizado em Besançon como sargento da infantaria. Participando ativamente no campo de batalha, lutou no front ocidental da guerra, deixando seu posto apenas no período em que fora ferido, permanecendo, desse modo, hospitalizado por alguns meses.

Ao retornar da guerra, Febvre foi nomeado para lecionar na Universidade de Estrasburgo, mais precisamente, no Instituto de História Moderna. Em 1921, Lucien Febvre casou-se com Suzanne Dognon, jovem *agrégé* de história, assistente de seu colega em Estrasburgo, Henri Baulig⁸. Certamente, as origens protestantes de Suzanne, o levaram, mesmo que de forma indireta, a se debruçar sobre a importância de Martinho Lutero para o mundo ocidental⁹. O casamento de Febvre com Suzanne foi vital para o seu trabalho, pois ela passou a auxiliá-lo, proporcionando-lhe um tempo maior para que escrevesse vários artigos, resenhas e livros, como foi o caso de sua obra *La terre et l'évolution humaine*, de 1922, para a coleção de Henri Berr.

Sempre muito ligado às ideias de Berr, Febvre logo se interessou em lançar uma revista de âmbito internacional, que seria consagrada à história e às diversas disciplinas das ciências humanas, como veremos mais adiante.

Em 1933, saiu da Universidade de Estrasburgo para o prestigioso *Collège de France*, onde permaneceu até 1949, quando foi substituído por seu discípulo Fernand Braudel. De 1934 a 1940, ele participou da direção da Enciclopédia Francesa, marcada por um grande esforço para que a coleção tivesse o “espírito” coletivo. Contudo, a eclosão da Segunda Guerra Mundial colocou fim a esse interessantíssimo projeto.

O período da Segunda Guerra marcou-o de forma decisiva, pois devido às restrições do regime de Vichy, no qual todas as revistas francesas estavam sujeitas, devido às leis anti-semitas, que não permitiam a participação de nenhum indivíduo de origem judaica como colaborador, diretor ou qualquer outro cargo, em qualquer meio de comunicação, os *Annales*

⁷ O concurso de *agrégé* torna o profissional apto a ensinar nos Liceus (secundários) ou em algumas faculdades.

⁸ Do casamento com Suzanne, Febvre teve três filhos, Henri (1922), Lucile (1924) e Paulette (1927).

⁹ Publicado pela primeira vez em 1928, com o título de *Martin Luther: un destin*. Recentemente a obra ganhou uma edição brasileira publicada pela Editora Três Estrelas de São Paulo (2012).



entraram em uma de suas piores crises, corroborando com todo o cenário intelectual francês. A esse fato, Marc Bloch defendeu o fechamento da revista dos *Annales*, já que possuía tal ascendência. Conflitos a parte, o fato foi que Marc Bloch, no final dessa verdadeira batalha, acabou, por fim, cedendo à vontade de Febvre, continuando a publicar na revista com o pseudônimo de Marc Fougères, além de ter sido retirado da direção da revista, que passou a ter a direção única de Lucien Febvre e o secretariado de Paul Leuilliot¹⁰.

Por sua vez, Marc Leopold Benjamin Bloch era oito anos mais novo do que Febvre. Nasceu em 06 de julho de 1886, sendo que de sua infância pouco se sabe, pois Bloch raramente comentou sobre ela. Sabe-se apenas que, durante vinte anos, viveu nos arredores de Paris e que foi influenciado, desde muito cedo, nos estudos em história, por seu pai, Gustave Bloch. Sua mãe, a senhora Sarah Bloch, era extremamente inteligente, com um talento para a música, dedicando-se, após o casamento, exclusivamente, a carreira do marido e a criação dos filhos. Seu irmão mais velho, Louis Bloch, se tornou médico, sendo a sua especialidade a pediatria, fato esse, que o levou a ser chefe de laboratório da seção de difteria do *Hospital des Enfants Malades*. Com seu irmão, Marc Bloch estabeleceu uma relação de grande afetividade, o que o influenciou diretamente na elaboração de *Os Reis Taumaturgos*. De descendência judaica alsaciana, toda a família Bloch era republicana, liberal e patriota. Afastados de suas origens judaicas, a família proclamava Paris como a sua terra.

Profundamente influenciado por seu pai, Marc Bloch foi um verdadeiro erudito no estudo da medievalidade. Assim como Febvre, Bloch também vivenciou as tensões do caso Dreyfus. O próprio Bloch se considerava o último dessa geração:

Muito cedo, vi-me sob muitos aspectos, mais próximos das turmas que me haviam precedido do que das que me seguiram quase imediatamente. Colocávamo-nos, meus colegas e eu, na ponta do que se pode chamar,

¹⁰ Esta atitude de Lucien Febvre ainda hoje é criticada entre alguns acadêmicos, mas vale lembrar, que a revista dos *Annales d'histoire* não foi a única revista a sofrer com tais leis. A *Nouvelle Revue Française*, grande representante da intelectualidade francesa deste período, também sofreu com a intervenção realizada pelas leis anti-semitas, o que levou Gaston Gallimard a submeter a revista a direção de Drieu La Rochelle. Ainda em relação a esta atitude de Lucien Febvre, Georges Duby escreveu: “[...] Lucien Febvre incitou-me a ser mais ousado, a não me enrijecer numa erudição tateante, a voar com minhas próprias asas. Agradeço-lhe por tudo isto, e o faço com tanto mais vigor porque, no momento em que escrevo, este inimitável historiador não é dos mais prestigiados. Gente que não sabe o que era resistir debaixo da bota alemã, para não entregar os pontos, critica-o por sua insistência em manter os *Annales* vivos durante a ocupação. Ele é contraposto a Marc Bloch, cujo papel é amplificado, ao mesmo tempo em que se minimiza o seu. Ora, se algum dia existiu uma ‘escola dos *Annales*’, foi graças a Lucien Febvre”. (1993, p.85). Duby, juntamente com outros historiadores dos *Annales*, nos fornecem o devido respaldo, para acreditar que tais acusações de colaboracionismo, da parte de Febvre com o regime de Vichy, beira ao absurdo e são oriundas da mais completa ignorância em relação não apenas ao período, mas principalmente, em relação ao pensamento de Lucien Febvre. Podemos notar ainda, o caráter da resistência de Febvre em relação ao regime de Vichy, em sua carta a Henri Berr “[...] o Comitê francês dos historiadores com seus congressos a organizar: em Bordeaux, nesse verão – o esmagador Comitê de história da Guerra mundial, com incessantes instâncias à presidência do Conselho. – ‘Largue-o!’ – Como se eu pudesse deixá-lo cair nas mãos dos colaboradores e dos pétainistas sem prevaricação!”.



creio na geração do caso Dreyfus. A experiência da vida não desmentiu essa impressão. (BLOCH, 2001, p.152)

Segundo Carole Fink, “o caso Dreyfus fizera-o formar uma imagem negativa do elitismo, anti-semitismo e anti-republicanismo, do sistema educativo tacanho e da forma ciosa como protegiam a sua autonomia em relação aos setores político e judicial do Estado” (FINK, 1995, p.22).

Ainda sobre o caso Dreyfus, essa verdadeira batalha das paixões, esse verdadeiro conflito entre direitistas e liberais, ajudou Bloch a compreender as falsas notícias ou os falsos boatos. Por esse motivo, Bloch advertiu seus alunos em 1941:

O individuo consciente que se apercebe da raridade de um testemunho exato está menos sujeito do que o desinformado a acusar um amigo equivocado de mentir. E quando um dia tomardes o vosso lugar na arena publica, em qualquer grande debate, seja para analisar um processo julgado a pressa, quer para votar em um homem ou uma ideia, nunca deveis esquecer o método crítico. É um dos caminhos que conduzem à verdade. (FINK, 1995, p.23)

Assim como Lucien Febvre, Marc Bloch foi mobilizado para a Primeira Guerra. Foi ferido, condecorado, tornando-se capitão. Em suas memórias, Bloch escreveu:

Tive a honra de participar dos cinco primeiros meses da campanha de 1914-1915. Estou agora em Paris, de licença de convalescência, restabelecendo-me, pouco a pouco, de uma grave febre tifoide que em 5 de janeiro último, me forçou a sair do front. Tenho meus lazeres, vou usar para corrigir minhas memórias antes que o tempo apague as suas cores, hoje tão frescas e vivas. Não vou reunir todas. É necessário fazer esquecer uma parte. Mas eu não vou abandonar aos caprichos de minha memória, os cinco meses surpreendentes que eu vivi¹¹. (BLOCH, 2006, p.119)

Após o armistício, Bloch foi mantido nos serviços de informação sendo desmobilizado em 13 de março. Nomeado para a Universidade de Estrasburgo em 1919, defendeu a sua tese de doutoramento intitulada: *Rois et serfs: un chapitre d'histoire capétienne* e foi nomeado professor assistente de história medieval, a partir de 01 de outubro de 1919.

Após o termino do ano letivo, Bloch retornou a Paris, em 19 de julho, para se casar com Simonne Vidal¹². Com ela, Bloch teve seis filhos nascidos no espaço de dez anos em

¹¹ J'ai eu l'honneur de prendre part aux cinq premiers mois de la campagne de 1914-1915. Je suis maintenant à Paris, en congé de convalescence, me remettant peu à peu d'une grave fièvre typhoïde qui, le 5 janvier dernier, me força à quitter le front. J'ai des loisirs. Je lês emploierai à fixer mës souvenirs avant que le temps n'efface leurs couleurs, aujourd'hui si fraîches et si vives. Je ne recueillerai pás tout. Il faut faire à oubli as part. Mais je ne veux pás abandonner aux caprices de ma mémoire les cinq mois étonnants que je viens de vivre.

¹² Simonne Bloch também se apresentara como voluntária durante a Primeira Guerra e foi condecorada, pelo seu trabalho com presos e refugiados entre 1914-18. Dotada para a música, assim como a mãe de Marc Bloch, tinha ainda muita facilidade com línguas e depois do casamento passou a ser secretária e assistente de investigação de seu marido.



Estrasburgo¹³. Feliz com a sua grande família, Bloch educou seus filhos com uma grande liberdade religiosa. Contudo, um período de grande tristeza abateu sobre ele, pois, em um curto espaço de tempo, ele perdeu duas pessoas preciosas. O seu querido irmão, Louis, faleceu em 16 de março de 1922, vítima de um câncer, e seu estimado pai, Gustave, que faleceu em 02 de dezembro de 1923. De uma hora para a outra, Marc Bloch se viu responsável não apenas por seus filhos, mas também passou a ser responsável pela mãe, pelos sobrinhos, ainda muito jovens, e pela cunhada¹⁴. Esses laços de Marc Bloch com o irmão e com o pai nos foram revelados no prefácio da edição de *Os reis taumaturgos* de 1923:

Relendo essas linhas de agradecimento durante a correção das provas não posso resignar-me a deixá-las sem modificação. Faltam aí dois nomes que uma espécie de pudor sentimental, provavelmente muito suspeitoso, impedira-me de escrever; hoje, não posso mais suportar vê-los passar em silêncio. Sem dúvida, eu jamais teria tido a ideia dessas pesquisas sem a estreita comunhão intelectual que desde longa data vivi com meu irmão; médico e apaixonado por seu ofício, ajudou-me a refletir sobre o caso dos reis-médicos, atraído para a etnografia comparada e para a psicologia religiosa por um gosto singularmente vivo (no imenso domínio que sua infatigável curiosidade percorria com facilidade, essas eram os terrenos de sua predileção), ajudou-me a entender a importância dos grandes problemas que levanto aqui. Devo a meu pai o melhor de minha formação de historiador; suas lições, que se iniciaram em minha infância e desde então jamais cessaram, marcaram-me com uma impressão que eu desejaria indelével. O livro que está aqui, meu irmão só o conheceu no estado de esboço e de quase projeto. Meu pai leu o manuscrito; não o verá impresso. Creio que cometeria uma falta para com o amor filial e fraternal se não recordasse aqui a memória desses dois entes queridos, dos quais, a partir de agora, somente a lembrança e o exemplo poderão servir-me de guias. (BLOCH, 2005, p.40)

154

A universidade de Estrasburgo iniciou suas atividades oficialmente em outubro de 1919. Além do desenvolvimento familiar e suas posteriores perdas, em Estrasburgo, Bloch encontrou um ambiente profícuo, no qual o debate sincero e as amizades, em sua maioria, também sinceras, marcaram o período em que esteve por lá. Mas de todos os contatos estabelecidos, de todas as amizades ali feitas, nenhuma foi tão forte, tão importante para a disciplina histórica, como o seu encontro com Lucien Febvre.

O duo de Estrasburgo

¹³ Alice (1920), Etienne (1921), Louis (1923), Daniel (1926), Jean Paul (1929) e Suzanne (1930).

¹⁴ A perda de Marc Bloch foi tão dolorosa, que em sua pasta "Souvenirs sur les disparus", ele guardou as violetas do leito de morte do irmão e as rosas da do pai.



“A primeira vez que nos encontramos em Estrasburgo, foi, creio eu, em outubro de 1920, em uma das reuniões inaugurais da faculdade” (FEBVRE, 2009, p.333). Com essas palavras, Lucien Febvre rememorou seu primeiro encontro com Marc Bloch na Universidade de Estrasburgo. Desse encontro surgiu uma grande amizade e cumplicidade intelectual, que perdurou até o final da vida dos dois historiadores¹⁵.

Como vimos anteriormente, a origem desses historiadores refletiram diretamente em suas concepções de vida e de história. Lucien Febvre partiu de um meio jauresiano, conquistando, progressivamente, a notoriedade e o reconhecimento institucional que o afastou do radicalismo político de sua juventude, passando a ter uma preocupação voltada para a instituição acadêmica. Marc Bloch, por sua vez, percorreu o caminho inverso. Ao introduzir uma análise de uma história econômica e comparada, como um de seus métodos centrais, passou inevitavelmente, assim como toda a sua geração, pelos escritos de Karl Marx. Aos poucos, a sua postura política foi radicalizando-se, como a própria radicalização do mundo, muito devido à condição que lhe fora imposta, principalmente, durante o regime de Vichy, por sua ascendência judaica. A violência prática e simbólica, nesse período da vida de Bloch, foi um completo disparate, pois, na condição de judeu perseguido, teve a sua vida institucional terminada, a sua carreira como professor encerrada e até a sua biblioteca confiscada. Esses fatos contribuíram, e muito, para que, o já senhor, Marc Bloch se alistasse na resistência em Lyon, mergulhando na clandestinidade em 1943, aos 57 anos.

No campo intelectual, ao contrário de Bloch, Febvre dizia haver duas grandes problemáticas para a história: a civilização e a cultura. Para ele, a civilização materializou a unidade dos diferentes aspectos da vida material e espiritual do homem, enquanto a cultura formaria certa esfera invisível nos homens, que não seriam capazes de compreendê-la completamente. Eles não teriam consciência e nem sentiriam essa limitação, uma vez que estariam dentro de um contexto mental e cultural. Subjetivamente, estes homens são livres, contudo, objetivamente, ficam subordinados. Essa subordinação, no entanto, não é total e nem absoluta, pois, ao permanecer nos limites de uma esfera cultural, o homem, ainda assim, conseguiria transformar, gradualmente, a sua mentalidade. Para tentar explicar melhor essa questão da influência das mentalidades sobre o homem, Febvre criou o conceito de aparelhagem mental. Segundo Burguière:

Febvre partiu, portanto, da convicção de que os homens do passado “não viviam, não agiam como nós”. Para explicar essa diferença e essa distancia,

¹⁵ A relação entre Bloch e Febvre sempre foi marcada por concordância e dissonâncias. Das muitas dissonâncias, a pior, talvez tenha sido em 16 de abril de 1941, quando Bloch não aceitou as opções impostas por Lucien Febvre, por causa do estatuto judaico. Apesar da não concordância, a crise foi contornada e a amizade parcialmente reestabelecida. A reação de Lucien Febvre não nos deixa mentir, em relação a amizade que existiu entre eles, pois ao saber do desaparecimento brutal de Bloch, Febvre deixou Paris, para tentar encontrar alguma evidência da morte do amigo, nas proximidades de Saint Didier de Formans.



é necessário o inventário da aparelhagem mental de cada época: o léxico e a sintaxe, as categorias da percepção e da sensibilidade, os hábitos de pensamento tanto quanto os conhecimentos e os conceitos, pois é através desses “instrumentos” que se constrói a experiência, tanto individual quanto coletiva (BURGUIÈRE, 1993, p.66).

Se para Febvre o elemento central da análise era a civilização, para Marc Bloch, a questão da sociedade foi fundamental. As estruturas sociais, as relações de classes, as mentalidades dessas classes sociais e também as relações econômicas. Portanto, a diferença entre Bloch e Febvre era a diferença entre um historiador social, estudioso da economia e da sociedade, de um lado, e um historiador das ideias da psicologia por outro.

Contudo, apesar destas diferenças de abordagens e de metodologias, havia um ponto central de convergência para estes dois historiadores: o homem. “Os homens, únicos objectos da história” (FEBVRE, 1989, p.30).

Les Annales d'Histoire Économique et Social

O homem e o presente

O ambiente em Estrasburgo se tornara propício para as meditações desses dois historiadores que passaram a ter a porta de suas salas abertas uma para a outra. Foi nesse período que iniciaram algumas reuniões, sempre nos finais da tarde de sábado, quando discutiam e analisavam obras e textos de outras áreas. Tais reuniões, na Faculdade de Letras, iniciaram suas atividades em janeiro de 1920. Originalmente eram colóquios informais, no fim da tarde, nos institutos de linguística e de história das religiões. Os membros do corpo docente apresentavam suas pesquisas ou comentavam sobre as atualidades e depois se seguia um intenso debate.

Foi nesse ambiente que Marc Bloch e Lucien Febvre não apenas se reencontraram, mas também reencontraram um grupo de homens, reunidos de todas as partes, pelas mesmas ideias de colaboração. Entre esses homens estavam o geógrafo Henri Baulig, o psicólogo Charles Blondel, os sociólogos Maurice Halbwachs e Gabriel Le Bras, além do grupo de historiadores: André Piganiol, Charles Edmond Perrin, George Paraset e, um pouco mais tarde, Georges Lefebvre. Podemos notar que o ambiente da universidade em Estrasburgo se tornou ideal para esses professores e colaboradores, como escreveu Febvre:

Nós continuamos a ser a faculdade mais unida, mais ativa coletivamente que se pode ter uma boa vontade, um desejo de colaboração unanime e jovial – muito devido às relações pessoais, e aos encontros familiares e íntimos – de festas intelectuais. Nada é mais reconfortante como a unanimidade intelectual que se manifesta aqui. Há um sentimento de

solidariedade, de união, de troca que não encontraremos os mesmos em nenhum outro lugar. (MULLER, 1994, p.XX)

Foi nesse ambiente livre e francês que, em 1929, Lucien Febvre e Marc Bloch deram a vida a um antigo projeto de Lucien Febvre: publicar uma revista de alcance internacional aglutinando as várias áreas do conhecimento, adotando uma problemática da abordagem da disciplina histórica, a atualidade e o estudo interdisciplinar.

Em dezembro de 1921, Lucien Febvre já havia pensado em um projeto como a organização de uma revista de história e de sociologia econômica. O título foi modificado para *Revue Internationale d'Histoire Économique*. A concepção e a orientação da revista aparecem muito claramente numa carta enviada a Henri Pirenne em 04 de dezembro que acompanha uma nota de resposta em 07 de fevereiro e 01 de março de 1922:

Nós não queremos uma revista de erudição pura e seca, de uma nomenclatura que usa a fabricação de fichas técnicas em série – nós queremos uma revista bem informada, que seja capaz de se ler e que tenha seu contingente de informações não somente nos “especialistas”, sem sentido restrito de uma palavra de história “econômica” – mas a todos os historiadores e mais ainda, a todos os que se interessam pela vida intelectual, que se batizam de sociólogos, filósofos, juristas ou economistas. (LYON, 1991, p.07)

Em seus primeiros anos, percebemos a grande preocupação dos pais fundadores dos *Annales* de entenderem a história, não como a história dos grandes nomes, dos grandes eventos e datas, como criticou François Simiand¹⁶, mas a história dos homens ligada ao presente, ou melhor, o presente que se ligaria a história. Nos dizeres de Marc Bloch: “Diz-se algumas vezes: ‘A história é a ciência do passado’. É no meu modo de ver falar errado”. (BLOCH, 2001, p.52)

Apesar de terem abordagens diferentes em relação à história, Bloch e Febvre tinham dois elementos cruciais em suas abordagens que os uniam: o homem e o presente. Em 1941, Lucien Febvre dedicou suas palavras aos jovens alunos da *École Normale Supérieure* a respeito da figura do homem para a história:

E, por outro lado, digo os homens. Os homens, únicos objetos da história – de uma história que se inscreve no grupo das disciplinas humanas de todas as ordens e de todos os graus, ao lado da antropologia, da psicologia, da linguística, etc.; uma história que não se interessa por não sei que homem abstrato, eterno, de fundo imutável e perpetuamente idêntico a si mesmo, mas pelos homens sempre tomados no quadro das sociedades numa época bem determinada do seu desenvolvimento, pelos homens dotados de funções múltiplas, de atividades diversas, de preocupações e de aptidões variadas, que se mesclam todas, se chocam, se contrariam, e acabam por

¹⁶ A crítica contundente de François Simiand a disciplina histórica foi publicada originalmente na *Revue de Synthèse Historique*, t. VI, p.1-22 e 129-157. É possível encontrar este texto em português: SIMIAND, François. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC, 2003.



concluir entre si uma paz de compromisso, um *modus vivendi* que se chama vida. (FEBVRE, 1989, p.30)

Nesse sentido, Marc Bloch também nos deixou seu testemunho no primeiro capítulo de sua Apologia da História: “Há muito tempo, com efeito, nossos grandes precursores, Michelet, Fustel de Coulanges, nos ensinaram a reconhecer: o objeto da história é, por natureza, o homem. Digamos melhor: os homens”. (BLOCH, 2001, p.54)

Já a segunda abordagem, o tempo presente, Febvre falou para os alunos da École Normale:

[...] E porque tenho a felicidade de saber nesta sala jovens decididos a consagrar a vida à investigação histórica, é com firmeza que lhes digo: para fazer história virem resolutamente as costas ao passado e antes de mais nada vivam. Envolvam-se na vida. Na vida intelectual, sem dúvida, em toda a sua variedade. Historiadores, sejam geógrafos. Sejam também juristas e sociólogos, e psicólogos; não fechem os olhos ao grande movimento que, à vossa frente, transforma, a uma velocidade vertiginosa, as ciências do universo físico. Mas vivam, também um vida prática. (FEBVRE, 1989, p.40)

Ainda em relação à questão do presente, Marc Bloch dedicou-se plenamente a essa problemática. Filho de seu tempo, Bloch viveu e morreu por acreditar na proposta descrita acima por Febvre: “mas vivam uma vida prática”. No difícil contexto da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Bloch dedicou seu tempo livre a escrever sobre a sua experiência de guerra, e por consequência, de seu presente:

Não relato aqui as minhas lembranças. As pequenas aventuras pessoais de um soldado entre tantos têm, neste momento, pouquíssima importância, e temos outras preocupações bem além das graças do pitoresco ou do humor. Mas um testemunho preciso de um estado civil. Antes mesmo de relatar o que vi, seria conveniente dizer com que olhos vi. (BLOCH, 2011, p.11)

Portanto, esses dois homens, com mestres diferentes, com enfoques diferentes, se uniram em Estrasburgo, primeiro devido ao governo francês e, depois, continuaram nessa comunhão intelectual pela crença mais honesta que tinham: a história. Esses dois homens que passaram a dividir praticamente a mesma sala, tornaram-se amigos fraternos e cúmplices de uma tentativa de promover uma renovação da disciplina histórica.

A Busca por uma editora

Munidos do desejo de renovação na disciplina histórica, Lucien Febvre e Marc Bloch, em 1928, concretizaram o plano da fundação de uma revista. Pautados, em muito, pelos

programas de estudos de Voltaire, pelo alargamento metodológico proposto por Henri Berr e pelo programa da revista alemã *Vierteljahrschrift für Sozial-und Wirtschaftsgeschichte*¹⁷.

Preocupados com o desenvolvimento dos estudos históricos, mais precisamente de história econômica, Bloch e Febvre convidaram Henri Pirenne para ocupar a direção da revista. O projeto inicial contava com um diretor, que seria Henri Pirenne; um secretário geral remunerado, que seria escolhido pelo próprio Pirenne; além de uma quinzena de subdivisões gerais e uma seção nacional, que contariam com colaboradores como: Georges Espinas, Henri Hauser, Georges Bourgin, Charles Rist, Jules Sion. Além de outros autores mais próximos a Febvre e Bloch, como Marcel Grenet, Georges Davy, Albert Grenier, Marcel Blanchard, André Allix e Georges Scelle. É curioso notar que, ainda nesse período da elaboração dos futuros colaboradores, os nomes de Maurice Halbwachs e Albert Demangeon ainda não figuravam como intelectuais próximos, nem a Bloch e nem a Febvre, fato esse que ocorreu apenas algum tempo depois.

Portanto, podemos notar que o programa da revista dos *Annales* já estava praticamente pronto para Lucien Febvre, bem antes do aparecimento da revista. O que nos leva a uma constatação de que, se Marc Bloch foi o corpo dos *Annales*, como veremos mais adiante, Lucien Febvre sempre foi à alma da revista.

Lucien Febvre queria ter apresentado o primeiro número da revista no Congresso Internacional de Ciências Históricas, em Bruxelas, em meados de 1928. Contudo, a falta de colaboradores internacionais e de financiamento obrigou tanto Lucien Febvre, quanto Bloch, a buscar o apoio de alguns historiadores holandeses, contudo, com a negativa dos mesmos, houve de forma momentânea, o abandono dessa ideia.

Mas os esforços empreendidos por Marc Bloch e Lucien Febvre não foram em vão, pois a experiência falha ajudou, principalmente, a Febvre estabelecer e fortalecer sua rede de contatos institucionais. Um exemplo desse fato foi a figura de Henri Pirenne, que acabou estabelecendo uma relação de intensa amizade com os dois historiadores.

Mesmo com insucesso da primeira tentativa de lançar uma revista, ainda em meados de 1927, Lucien Febvre e Marc Bloch continuaram seus combates para dar vida a esse projeto. Depois de um pequeno momento sem se movimentarem, eles retomaram o antigo projeto de Febvre. Bloch, em 12 de janeiro de 1928, escreveu à Eugène Schneider, editor da Maison Alcan¹⁸, buscando apoio para a publicação da revista. Bloch iniciou sua carta

¹⁷ A *Vierteljahrschrift für Sozial-und Wirtschaftsgeschichte* foi fundada em 1903. Ela foi dirigida por um comitê internacional que figuravam, principalmente, Henri Pirenne, Georges Espinas e Paul Vinogradoff. Devido às dificuldades no período pós-primeira guerra, a revista foi suspensa em novembro de 1919.

¹⁸ A Maison Alcan foi a editora responsável pelas publicações de revistas como *L'Année sociologique* e a *Revue Historique*.



explicando a necessidade que a França tinha de lançar uma revista de história econômica, pois, tanto a Alemanha, quanto a Inglaterra, já haviam lançado às delas.

Inicialmente, a resposta de Schneider foi extremamente positiva:

Caro senhor,

A ideia de uma revista francesa de historia econômica parece-me ser interessante. Ela vem preencher uma lacuna, e eu estou certo que após alguns números, ela terá um publico fiel e numeroso. Gostaria muito de conversar sobre o projeto com o senhor Febvre e com o senhor, o mais rapidamente possível.

Eu não comentei o vosso projeto com mais ninguém até o momento, salvo com o senhor Lisbonne.

Creio caro senhor, os meus sentimentos dedicados.

E. Schneider. (MULLER, 1994, p.483)

Apesar desse sucesso inicial, a Maison Alcan acabou propondo uma série de modificações no projeto, devido aos custos efetivos do lançamento de uma revista do porte como Febvre e Bloch propuseram. Por isso, a editora desejava integrar à revista a ser lançada, ao *Journal des Économistes*, com a direção de Yves Guyot¹⁹. Com a morte deste, em 1928, a editora resolveu reformular as suas publicações, ficando, desse modo, muito difícil o financiamento para o lançamento de mais uma revista. Novamente, devido aos custos, Schneider propôs em março de 1928:

Ao invés de publicar quatro fascículos por ano, como o projeto que o senhor nos enviou, faça um volume anual, como a nossa edição do *L'Année Psychologique* e como nossa edição do que foi o *L'Année Sociologique* e como parece uma publicação similar inglesa. (MULLER, 1994, p.485)

A essa proposta, Marc Bloch, em uma carta enviada, em 13 de junho de 1928, anunciou o término das negociações com a Maison Alcan, devido ao projeto inicial de Febvre e o seu, pois o projeto demandaria periodicidade, portanto a trimestralidade da publicação seria necessária.

Enquanto Bloch batalhava em uma frente, com a Maison Alcan, Febvre, discretamente, entrou em contato, em 29 de fevereiro de 1928, com a Librarie Armand Colin, através do contato de Albert Demangeon, com Max Leclerc²⁰. A esse primeiro contato, Leclerc indagou sobre uma série de dúvidas em relação à parte técnica da revista. Qual o tipo de letra que seria utilizada? A questão do secretário, como seria esta escolha? A remuneração dos colaboradores? Quantas páginas teriam a revista? Ou ainda, a remuneração dos diretores e dos membros do comitê? E, por fim, o nome da revista? Foram algumas de suas indagações iniciais.

¹⁹ Yves Guyot foi economista, jornalista e político francês nascido em Dinan. Faleceu em 1928, aos 84 anos.

²⁰ Max Leclerc foi genro do próprio Armand Colin, que fundou a sua Maison d'Édition, em 1870. Gradativamente ele passou a colaborar com a editora até a morte de seu fundador, quando passou a dirigi-la.



Sobre este incerto período de negociações com as casas de publicações, Marc Bloch escreveu, em 17 de março de 1928, para Henri Pirenne:

Nós estamos ainda conversando com os editores. A casa Alcan havia de fato, muito alegremente, dado três passos a frente: após o que – qualquer prudência sincera, qualquer manobra – ela recuou dois passos. As negociações, desse lado estão sonolentas – sem estarem rompidas. Nós achamos melhor comprometermo-nos em outra direção. Entramos em contato com a casa Colin. Após a troca de algumas cartas, Febvre, no início desta semana, encontrou com Max Leclerc. Ele teve deste encontro a melhor impressão. Todos concordam em nos apresentar Max Leclerc como um homem muito seguro e pouco pródigo de boas palavras. Visivelmente ele se interessou pelo nosso projeto e vê para a sua casa grandes benefícios (LYON, 1991, p.96-97).

Contudo, apesar das ressalvas de Bloch, em relação a Librarie Armand Colin, e principalmente, a figura de Max Leclerc, Lucien Febvre conseguiu negociar a publicação da revista por meio dessa casa. Mas havia ainda vários pontos para serem amarrados em relação à revista. Um dos principais foi a questão do nome que teria a revista. Leclerc alertou Febvre, no dia 28 de fevereiro de 1928, sobre a existência de uma *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, publicado por Marcel Rivière, com a direção de quatro professores de direito.

Para tentar resolver os problemas referentes à revista, Marc Bloch se reuniu com Max Leclerc, escrevendo, imediatamente após o encontro a Febvre em 11 de maio de 1928:

Meu caro amigo,
Estive com Max Leclerc. Creio não ter sido recebido tão brilhantemente como você; mas, sinto a mesma devida indulgência do dia, e também um pouco de justiça – a da noite – admito. Esse homem que possui, parece-me, toda a ingênua astúcia dos grandes homens de negócios, não me escondeu que, por uma série de questões, que eu falarei em breve, devia assegurar-se que nós não somos mais “acadêmicos”, segundo ele, “fossilizados”; [...] Leclerc me confidenciou sua intenção de colocar a minha disposição os prospectos em Oslo²¹.

Aqui, o essencial, os pontos definidos e os problemas ainda possuídos:

Título: *Annales d'Histoire Économique et Sociale* foi aceito.

Papel: um da Revista de Metafísica e de Moral, que é ao mesmo tempo um do Siegfried, Estados Unidos²². Leclerc parece preferir – provavelmente por uma questão de economia, que ele não me confidenciou – a um dos Anais de Geografia. Eu não pude fazer objeção, tanto que o papel escolhido permite, parece-me, fazer esboços (menos finos talvez que esses dos Anais de Geografia).

Esboços. Princípio aceito, com a condição de não usar muito largamente a permissão.

Tiragem a parte. Discussão suficientemente longa; Eu vi o momento onde Leclerc, inesperadamente, seria tomado por um fogo. Mas o fato de ter vindo o chefe da fabricação que (ao visível espanto de seu patrão) não

²¹ O VI Congresso Internacional de Ciências Históricas, ao qual Bloch participaria entre os dias 14 e 18 de agosto de 1928 era de extrema importância para a campanha de lançamento do *Annales*, por ser um grande congresso, com a participação dos principais historiadores da Europa e do mundo.

²² Referência ao livro de André Sigfried, *Les États-Unis d'aujourd'hui*. Paris, Armand Colin, 1927.



parou de achar bem difícil o sistema de simples extratos (cujo apenas a dificuldade é o risco das páginas em branco, mas que naturalmente, não necessitava de colocar em página suplementar). O preço será estabelecido. Pode ser que demore a deduzir a remuneração dos autores. Eu fixei em 30 exemplares previstos. (MULLER, 1994, p.12)

Portanto, observamos que as negociatas que permitiram o lançamento da revista foram duras e demoradas. A própria questão do nome da revista gerou um certo desconforto de Bloch e Febvre com Leclerc, pois Bloch havia sugerido o nome *L'Évolution Économique*. *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, nome esse que foi vetado, imediatamente, por Leclerc, porque, para ele, o nome era muito longo e mal adaptado a um periódico. Inspirados pelos nomes análogos dos *Annales de Géographie* e dos *Annales Économiques*, Bloch e Febvre decidiram adotar o nome de *Annales d'Histoire Économique et Sociale*.

O desconforto gerado pelo nome da revista ainda era bem latente, principalmente em Febvre, que tinha ressalvas em relação à fórmula “história econômica e social”.

Essas ressalvas podem ser notadas na carta que Febvre escreveu para Pirenne: “Continuamos a utilizar os velhos vocábulos rotineiramente e a falar de social ao mesmo tempo, que de economia. Sem atribuir as palavras uma importância exagerada?” (MULLER, 1994, p.26). Mais tarde, Febvre cedeu e aceitou os dois termos, como podemos observar em sua fala:

Quando Marc Bloch e eu fizemos imprimir essas duas palavras tradicionais na capa dos Annales, sabíamos bem que, especialmente “social”, é um desses adjectivos que se fez ao longo dos tempos dizer tantas coisas que por fim já não quer dizer quase nada. Mas foi mesmo por isso que o recolhemos tão bem recolhido que, por razões puramente contingentes, figura hoje sozinho na capa dos mesmos Annales, que, de *Économique et Sociales*, se tornaram, por uma nova desgraça, só *Sociales*. Uma desgraça que aceitamos a sorrir. Porque estávamos de acordo ao pensar que, precisamente, uma palavra tão vaga como “social” parecia ter sido criada e posta no mundo por um decreto nominativo da providência histórica, para servir de insígnia a uma revista que não queria rodear-se de muralhas, mas sim fazer, irradiar largamente, livremente, indiscretamente mesmo, sobre todos os jardins da vizinhança, um espírito, o seu espírito: isto é, um espírito de livre crítica e de iniciativa em todos os sentidos. (FEBVRE, 1989, p.29)

Contudo, dentro do contexto dos detalhes para a criação dos *Annales*, a questão do nome ficou em segundo plano. A segunda contestação de Leclerc foi mais séria e mais questionada, tanto por Bloch, mas principalmente, por Febvre. Leclerc questionava a presença de um sociólogo, Maurice Halbwachs, no comitê de redação, pois, a seus olhos, a sociologia era uma disciplina muito jovem, ainda em formação e muito incerta de seus métodos, “ela oscila para a política mais ou menos militante” (MULLER, 1994, p.27). A posição de Leclerc se deu, devido aos atritos entre a geografia humana que os durkheimianos rudemente refutavam, em particular, Maurice Halbwachs. A isso, Lucien Febvre realizou uma objeção dura e veemente, o que fez Leclerc recuar:



Nós não pretendemos dar a revista, os artigos de sociologia geral. Os sociólogos têm seus corpos; são os únicos aqui na França que trabalham com método e um espírito científico, particularmente no *L'Année Sociologique*. Não há como convidar a vir fazer uma revista de ordem econômica mais do que eles podem fazer em casa com toda a liberdade. Mas a sociologia econômica é uma disciplina que existe. Quando ela não se desvia em tentativas ambiciosas demais, quando ela se funda sobre um estudo inteligente e consciente dos fatos e dos dados estatísticos – ela é para os historiadores, de um interesse incontestável. De outra parte, os sociólogos alcançam uma bibliografia a que muitas vezes nos escapam. Tais são as razões para que nós tenhamos um representante da sociologia francesa de Durkheim, que exerce sobre todos os homens de nossa geração uma influência incontestável (tanto positiva a propósito, quanto negativa), figura entre nós. Não é para fazer obra a um homem de partido, ou de uma doutrina – mas de informar, e de uma certa maneira, de crítica. Para adicionar que se nós escolhemos nosso colega de Estrasburgo, M. Halbwachs, por representar entre nós o grupo do *L'Année Sociologique* – é porque, precisamente nós sabemos que o espírito curioso e particularmente consciente de se manter uma ligação com os historiadores, trará os desejos especiais de documentação e de informação que nos demandarão um espírito exemplar de preocupações “temporais” que vos parece temerosa. (MULLER, 1994, p.9-10)

Feita esta calorosa defesa, a composição do comitê de redação começou a ser negociada. Seis dos oito membros foram “acordados” entre Febvre e Leclerc. O geógrafo Albert Demangeon, devido sua proximidade com Leclerc e Maurice Halbwachs, por seu contato com Bloch e Febvre, foram os primeiros a serem integrados. Os historiadores Georges Espinas, Henri Hauser, André Piganiol e Henri Pirenne; o economista, Charles Rist e um estudioso da contemporaneidade, André Sigfried integraram o resto do comitê.

A criação da revista passou a ameaçar a existência da frágil *Revue d'Histoire Économique et Sociale*, que existiu até junho de 1928, quando os membros do comitê de redação criaram uma *Société d'Histoire économique et Sociale*, pois consideravam não haver, na França, espaço para duas revistas de história econômica. Devido a esse fato, foi proposta a Lucien Febvre uma fusão das duas revistas, o que foi combatido, vigorosamente, por Febvre: “[...] Qual será o espírito e o significado de um órgão híbrido redigido por homens animados de aspirações, de ideias, de sentimentos todo contrários?” (MULLER, 1994, p.30).

Resolvidas todas essas primeiras pendências, em julho de 1928, Febvre e a Maison Armand Colin acertaram os meses de outubro e novembro para o lançamento oficial da revista, com uma tiragem inicial de 700 exemplares, que custariam 55 francos na França e de 60 a 65 francos para os outros países. Ficou estabelecido, ainda, que a revista seria distribuída em todo o território francês e em alguns locais estratégicos, como Londres, Madrid e Bruxelas. Ainda em setembro de 1928, Lucien Febvre definiu com Max Leclerc o valor das remunerações dentro da revista. Ficou estabelecido o valor de 4,000 francos por

mês para o secretário e 2,400 francos de honorários para a diretoria, mais 10 francos por página, o que representaria uma média de 960 francos por número ou 3,840 francos por ano, além da despesa de deslocamento Estrasburgo/Paris, Paris/Estrasburgo de 1,320 francos por mês. Os colaboradores de crônicas não seriam remunerados, salvo os casos apresentados aos diretores. Nesses casos, a página seria paga com a tarifa referente das notas. Já os autores das resenhas seriam remunerados pela concessão dos livros que analisariam. Para os tradutores, o “melhor seria dividir a remuneração entre o autor e o tradutor” (MULLER, 1994, p.71).

Além de todos os problemas enfrentados nas negociações com a Maison Armand Colin, Febvre teve que contornar outra situação, particularmente difícil: a relação entre Marc Bloch e René Philippon.

Philippon foi um dos secretários de Max Leclerc e, por isso, acompanhou toda a negociação para a publicação dos Annales de muito perto. Com Lucien Febvre, Philippon era mais agradável, chegando, por várias vezes, a jantar juntos, na companhia de Max Leclerc. Contudo, com Marc Bloch a situação era muito diferente. Desde o início, a relação dos dois fora marcada pelo distanciamento e frieza, no início pela parte de Philippon e mais tarde por ambos. Podemos constatar essa antipatia, por meio da carta que Bloch escreveu para Febvre: “Bravo pela resposta de Max Leclerc! Este homem, quando Philippon não está entre nós e ele, é no fundo simpático” (MULLER, 1994, p. 91).

Essa frieza, esse receio de Bloch, acabou por se mostrar de certa forma correta, pois, nos anos posteriores, já como presidente do Círculo das Livrarias, Philippon se tornou um entusiasta da invasão alemã sobre o solo francês, chegando a afirmar que: “Estas disposições (proibições), que não criaram sérios problemas para a edição francesa, são para mim, fonte de engrandecimento ao pensamento francês” (SARTRE, 1992, p.257).

Contudo, apesar de todas as dificuldades de negociação com Max Leclerc e Philippon, apesar dos constantes conflitos entre os diretores dos *Annales* e a editora, os recursos materiais foram alcançados, proporcionando, desse modo, o lançamento da revista. Agora faltavam apenas alguns pequenos detalhes, pequenos, mas extremamente importantes, como a escolha do secretário da revista.

“Le fidèle Leuilliot”:

Em meio a todas as negociatas entre Febvre e Bloch com Leclerc, talvez a mais importante, tenha sido a questão de quem e como seria o pagamento do secretário da revista.

A ideia inicial de Bloch e Febvre era nomear Henri Pirenne como diretor da revista, e por consequência, o secretário seria alguém próximo e escolhido por Pirenne. Com a negativa dele para a direção, Febvre e Bloch assumiram a revista. Devido a esse fato,



houve a necessidade de escolher um nome que fosse de completa confiança para o secretariado da revista. De imediato, Febvre pensou em seu amigo próximo, Paul Leuilliot.

Nascido em 1897, Paul Leuilliot desenvolveu sua carreira inteiramente ao lado dos *Annales*, tomando como eixo central de ideias, a questão da História Local. Ele iniciou seus estudos na Sorbonne, mas foi em Estrasburgo que se preparou para o concurso de agregação. Durante os anos de 1925 a 1927, lecionou no Liceu de Hagveneuve e, depois, entre os anos de 1927 a 1933, no Liceu Kléber. Foi ainda em Estrasburgo que conseguiu acumular materiais para a sua pesquisa sobre a Revolução na Alsácia.

Se Lucien Febvre foi à alma da revista e Marc Bloch a pena que flutuava em suas páginas, Paul Leuilliot foi, sem dúvida, o organizador desse empreendimento monumental, servindo, muitas vezes, de ponte de diálogo entre os pais fundadores com alguns dos colaboradores, como no caso das correções que Marc Bloch realizou no artigo de Cerny²³, e, às vezes, servindo de diálogo entre os próprios diretores, quando o debate entre eles se tornava tenso. Além de ser o intermediador dos diretores, Leuilliot teve uma importância fundamental no próprio corpo da revista. Depois de Marc Bloch e Lucien Febvre, Leuilliot foi o redator mais profícuo da revista até 1945, com mais de 80 resenhas nesse período. Quando Febvre foi eleito para o Collège de France em 1933, Leuilliot foi nomeado para o Liceu Charlesmagne, onde permaneceu até 1944, quando foi lecionar no Liceu Henry IV.

Suas múltiplas atividades de professor, secretário, pesquisador (pertenceu, a convite de Febvre, de 1954 a 1978 na *École des Hautes Études*) e redator, retardou a elaboração de sua tese sobre *L'Alsace au début du XIXe siècle*, que foi finalizada apenas em 1956.

A fidelidade de Leuilliot, principalmente, a Lucien Febvre, sempre foi uma de suas principais características. Essa confiança fez com que, ainda em julho de 1928, os diretores escrevessem a Leuilliot, comunicando o lançamento da revista e pedindo a sua ajuda para o empreendimento.

Senhor,

Nós gostaríamos hoje de anunciar ao senhor pessoalmente o surgimento, em Janeiro de 1929, com a Librairie Armand Colin, um novo periódico "Annales d'Histoire Economique et Sociale" cujo temos a felicidade de conseguir lhe enviar a primeira edição, em homenagem.

Nós temos uma empresa que acreditamos ser útil. Nós trazemos para fazê-la viva, toda a nossa energia e nossa vontade. Mas uma obra científica só pode ser coletiva. Os Annales, portanto, precisam de um apoio eficaz e constante dos mesmos homens que pretende servir. Nós pedimos que você nos dê o seu. Ajude-nos com seus conselhos e quando necessário, enviar seus manuscritos, alimentando nossa bibliografia com suas publicações.

Ajude-nos, finalmente, em vossa subscrição em assinar as bibliotecas que frequenta, recomendando nosso trabalho as pessoas, aos grupos

²³ CERNY, V. Une ville tcheque: Brno. *Annales H.E.S*, Paris, n1, p.289-292, 1929.



interessados. Solicitamos com confiança, vossa ativa simpatia. De antemão, partilhamos nossos agradecimentos²⁴. (MULLER, 1994, p.35)

Para a concretização do cargo, que seria oferecido a Leuilliot, em outubro, Bloch e Febvre passaram a negociar com Max Leclerc, os meios materiais para garantir Leuilliot na secretaria da revista, como podemos observar na carta de Bloch para Febvre de 8 de agosto:

b) remuneração do secretário. Vamos trabalhar com Leuilliot a partir do outono. Talvez deixá-lo na ignorância de quanto vai receber – ou não vai receber? Agora que Leclerc está empenhado de maneira que não é capaz de recuar, não vejo nenhum inconveniente de perguntar sobre esses terríveis problemas²⁵. (MULLER, 1994, p.54).

E na carta de Febvre para Bloch no dia 23 de setembro:

Escrevi uma palavra para Leuilliot – para dizer simplesmente que a revista caminhou mais do que nunca, e que estávamos negociando com Leclerc as condições materiais de remuneração e de comprometimento do secretário, que nós pensamos ser satisfatório²⁶. (MULLER, 1994, p.76).

Após a negociação sobre o salário do secretário de 4,000 francos com Max Leclerc, Leuilliot passou a ocupar o cargo, no qual permaneceu até o final da Segunda Grande Guerra. Como podemos notar pela carta de Bloch, em 2 de fevereiro de 1939, Leuilliot exerceu diferentes e vitais funções na revista:

O senhor continua vossa função de secretário da redação e do comitê. Nós não podemos conceber os Annales sem o senhor e temo interferir dizendo em detalhe, porque nós não podemos imaginar, um minuto, nem um nem outro, que leve ao fim de uma associação intelectual de todos os instantes²⁷ (MULLER, 2003b, p.267-268)

²⁴ Monsieur,

Nous tenons dès aujourd'hui à vous annoncer personnellement l'apparition en Janvier 1929, à la Librairie Armand Colin, d'un nouveau périodique « Annales d'Histoire Economique et Sociale » dont nous serons heureux de vous faire parvenir en hommage le premier numéro.

Nous tenons une entreprise que nous croyons utile. Nous apporterons à la faire vivre toute notre énergie et notre volonté. Mais une oeuvre scientifique ne saurait être que collective. Les Annales ont donc besoin d'un appui efficace et constant : celui des hommes mêmes qu'elles prétendent servir. Nous vous demandons de nous accorder le vôtre. Aidez-nous de vos conseils et, le cas échéant, de vos envoyant des manuscrits, en alimentant notre bibliographie de vos publications.

Aidez-nous enfin en vous abonnant, en faisant abonner les Bibliothèques que vous fréquentez, en recommandant notre oeuvre aux personnes, aux groupements qu'elle doit intéresser. Nous sollicitons avec confiance votre agissante sympathie. Par avance, nous vous remercions de nous l'octroyer.

²⁵ b) rémunération du secrétaire. Nous ferons travailler Leuilliot dès l'automne. Peut-être le laisser dans l'ignorance de ce qu'il recevra, – ou ne recevra pas? Maintenant que Leclerc est engagé de façon à ne plus pouvoir se dédire, je ne vois plus d'inconvénient à poser ces redoutables problèmes.

²⁶ J'ai écrit un mot à Leuilliot –pour lui dire simplement que la revue marchait plus que jamais et que précisément nous étions en train de négocier avec Leclerc les conditions matérielles de rémunération et d'engagement du secrétaire, que nous pensions devoir être satisfaisantes.

²⁷ Vous continueriez vos fonctions de secrétaire de la rédaction et du comité. Nous ne concevons pas les Annales sans vous ; et je craindrais de vous gêner en vous disant, en détail, pourquoi nous ne pouvons l'imaginer, une minute, ni l'un ni l'autre, que prenne fin une association intellectuelle de tous les instants.



Na época de seu falecimento, houve uma justa homenagem na edição de novembro/dezembro dos *Annales*:

Paul Leuilliot morreu em 30 de maio de 1987. Ele tinha 90 anos de idade. O comitê de direção e todos os colaboradores dos *Annales* gostariam de cumprimentar as memórias e pedindo para Jean- Jacques Hémardinquer que foi próximo, que retrace as grandes linhas da carreira, para lembrar qual foi o seu papel no interior da revista e ao lado dela²⁸. (HÉMARDINQUER, 1987, p.1251-1253)

Por mais curta que tenha sido essa homenagem, apenas de três páginas, mostra a importância que ele teve, pois, apesar de sua preocupação central ser a história local, Leuilliot escreveu sobre todas as temáticas para os *Annales*, versando sobre a *Historiographie et programme d'études algériennes* (1936, p.564), *Entre deux crises: L'Europe de 1815 à 1848* (1932, p.474), *Données sur l'agriculture mondiale* (1935, p.66-67); *Trois manuels d'histoire économique* (1934, p.75), passando pela sensibilidade histórica, até chegar na sua Alsácia.

Por tudo isso, somos levados a concluir que a contribuição de Paul Leuilliot para a revista dos *Annales* e, conseqüentemente, para a disciplina histórica é enorme. Pouco reconhecida é certo, mas não menos importante do que a de Lucien Febvre e Marc Bloch.

Conclusões

Procuramos nesse artigo, mesmo que de forma breve, mapear uma parte do caminho que Marc Bloch e Lucien Febvre percorreram para conseguir lançar a revista dos *Annales*. Caminho esse que, como vimos, precisou ser pensado e repensado diversas vezes, devido aos vários impedimentos que eles tiveram. Contudo, o empenho dos dois historiadores, que em todos os momentos articulavam e rearticulavam suas redes de contatos, deu vida a esse antigo projeto de Lucien Febvre.

Como afirmou Fernand Braudel:

Os primeiros *Annales*, 1929 a 1939, são os *Annales* mais brilhantes, mais inteligentes, melhor dirigidos de toda sua história... Pois bem, se os *Annales* se converteram, apesar de seu início tão modesto, em uma espécie de epidemia intelectual, cabe pensar o que foi necessário para tanto um certo número de circunstâncias excepcionais... com efeito, os *Annales* tiveram contra si quase toda a universidade francesa. Vocês não podem imaginar o que significava, para Marc Bloch e para Lucien Febvre, que se encontravam à margem no hexágono Frances, em Estrasburgo, a hostilidade desta

²⁸ Paul Leuilliot est mort le 30 mai 1987. Il allait avoir 90 ans. Le Comité de Direction et l'ensemble des collaborateurs des *Annales* tiennent à saluer sa mémoire et, en demandant à Jean-Jacques Hémardinquer qui lui fut proche de retracer les grandes lignes de sa carrière, à rappeler quel fut son rôle à l'intérieur de la revue et à côté d'elle.



universidade que era, antes de qualquer coisa, a hostilidade de Paris. (ROJAS, 2004, p.73)

Os *Annales* foram vistos de forma marginal na época de sua criação pela historiografia tradicional, enraizada em Paris, mais precisamente na Sorbonne. Desse início marginal, a revista, aos poucos, foi ganhando notoriedade acadêmica, muito devido ao trabalho de Febvre, Bloch e Leuilliot em articularem novos contatos e novos resenhistas e, com o tempo, a revista se tornou o símbolo de uma nova historiografia no hexágono francês.

Essa notoriedade foi substituindo uma “escola” marginal que, em seus primeiros combates, viu um de seus pais fundadores, Lucien Febvre, atacar, de maneira implacável e veemente, a antiga escola histórica de seus mestres, representada por Charles Seignobos. Contudo, esse ataque de Febvre tinha o objetivo de marcar a posição de um novo movimento historiográfico, pois ele elaborava um plano institucional para ocupar os lugares estratégicos dentro do cenário intelectual francês. Por isso, na época de sua eleição para o Collège de France, Febvre trabalhou e utilizou seus contatos acadêmicos para que Marc Bloch entrasse no centro nervoso da antiga escola positivista, localizada na Sorbonne. Além disso, procurou inserir membros de sua confiança nos Liceus (como o caso de Paul Leuilliot), pois foram nesses locais que o modelo de história, proposta pelos *Annales*, passou a ser difundida para as novas gerações de estudantes.

168

Enfim, a supremacia conquistada pelos *Annales*, de forma alguma, foi obra do acaso. Houve um grande trabalho intelectual e político por trás do cenário intelectual francês. O caso da Enciclopédia francesa vem corroborar para essa afirmativa, já que Febvre passou a ser o diretor. Ainda em relação ao campo acadêmico, observamos que a criação da *Vie Seção de Altos Estudos*, que teve como primeiro presidente Lucien Febvre e como segundo presidente, seu discípulo institucional, Fernand Braudel, foi representativa para marcar o poder que a escola dos *Annales* havia adquirido.

Nesse pequeno trabalho, observamos algumas dificuldades que Bloch e Febvre encontraram para publicar os *Annales*. Percebemos, ainda, as tensões entre os pais fundadores e Max Leclerc, principalmente, na questão envolvendo Maurice Halbwachs. Além disso, observamos a forte ligação dos pais fundadores com alguns de seus colegas, como o caso de Henri Pirenne. O reconhecimento a esse historiador foi tão grande que, na época de seu falecimento, Febvre lhe prestou uma emocionada homenagem:

24 de outubro de 1935, na pequena casa nos arredores de Bruxelas [...] Henri Pirenne morreu. Ele tinha 73 anos. O seu desaparecimento, ainda que prematuro para os *Annales* e seus diretores, nos força a utilização de um termo: uma família de luto [...] Pirenne foi para nós, muito mais que um conselheiro e um fiador: a divindade tutelar que nos deu nas horas difíceis, a força e audácia de perseverar – e que nos devolveia, nas horas de hesitação a fé. (FEBVRE, 1935, p.529)



Contudo, a maior conclusão que chegamos nesse artigo foi a importância vital de um terceiro elemento para a revista dos *Annales*: a figura de Paul Leuilliot.

Homem de uma personalidade irretocável, notamos a grande estima que nutria por Lucien Febvre. Assim como Marc Bloch, Henri Wallon e Jules Sion, Leuilliot fez parte do restrito núcleo de amizades verdadeiras, que Febvre fez questão de conservar por toda a vida, como podemos observar em sua carta dirigida a Leuilliot: “Caro amigo, se eu não tenho escrito mais rápido e longamente, não é por falta de pensar em você”²⁹. (MULLER, 2003b, p.269)

Dono de uma capacidade organizacional invejável, Leuilliot ficou responsável pela elaboração de uma série de listas com os colaboradores da revista:

– Seria bem útil ser elaborado por Leuilliot e tê-lo sob nossos olhos quando nós atribuirmos às resenhas, uma lista de nossos colaboradores. Nós nos esquecemos. Por exemplo, o advogado parisiense indicado por Siegfried, que abordei e que aceitou as resenhas, ainda não foi testado. E há outros. Naquele momento pensamos que não, mas uma lista poderia nos ser bem útil³⁰. (MULLER, 1994, p.140)

Assim como, também, foi o responsável por intermediar as relações, principalmente de Bloch com os autores e suas correções nos artigos a serem publicados.

Naturalmente mais próximo de Febvre que de Bloch, Leuilliot teve um pequeno desgaste em suas relações com Bloch, a ponto deste protestar pelo excesso de liberdade de Febvre com Leuilliot, como podemos notar, na longa carta de Bloch a Febvre de 22 de junho de 1938:

Você não viu o manuscrito da minha resenha? Nada mais deplorável, eu estou de acordo. Mas lembre-se. Nós originalmente estabelecemos a regra de jamais dar nada a Leuilliot antes que não tenha sido visto primeiramente por nós dois. Mesmo se fosse nossa própria prosa. Não para nos controlarmos uns aos outros (quando uma questão delicada pudesse surgir, nós que fizemos e que percebemos esta justiça, jamais negligenciada, de nos consultar um ao outro)³¹ (MULLER, 2003b, p.28).

²⁹ Cher ami, si je ne vous ai pas écrit plus vite, et longuement, ce n'est pas faute d'avoir pensé à vous.

³⁰ « Il serait bien utile de faire dresser par Leuilliot, et d'avoir sous les yeux quand nous attribuons les comptes rendus, une liste de nos collaborateurs. Nous le oublions. Par exemple, il y a l'avocat parisien indiqué par Siegfried, pressenti par moi, et qui a accepté des comptes rendus, on ne l'a pas encore mis à l'essai. Il y en a d'autres. Sur le moment, nous n'y pensons pas ; une liste pourrait nous être bien utile ».

³¹ « Vous n'avez pas vu mon compte rendu en manuscrit? Rien de plus déplorabile, je vous l'accorde. Mais souvenez vous. Nous avons à l'origine établi la règle de ne jamais rien donner à Leuilliot qui n'eût été vu d'abord par nous deux. Même s'il s'agissait de notre propre prose. Non pour nous contrôler mutuellement (lorsqu'une question délicate pouvait se poser, nous n'avons, rendons-nous cette justice, jamais négligé de nous consulter l'un l'autre) »



Apesar dessa pequena rusga, a amizade entre eles também era verdadeira e sempre manteve o tom íntimo:

É difícil prever os acontecimentos nesta estranha guerra sem guerra; podem-se fazer algumas suposições. Infelizmente (ou felizmente para sua paciência com raciocínios bastante vã), entre as informações que me são comuns com todo o mundo e aqueles que, pouco a pouco, me chegam de minhas novas funções, tenho muita dificuldade para fazer uma seleção segura e eu prefiro não matá-lo de suposições. Eu não tenho medo de confidencialidade, mas creio que é uma boa regra de evitar a falar, quando vivemos, como aqui, em torno de papéis infinitamente “secretos”, onde três quartos dos quais não devem ser, e onde um quarto, pelo contrário, o é realmente³²(MULLER, 2003b, p.272).

A participação de Leuilliot nos *Annales* foi tão marcante que, no ano de 1967, quando foi montado o novo comitê editorial da revista, composto por Fernand Braudel, Jacques Le Goff, Emmanuel Le Roy Ladurie, Georges Friedmann e Charles Morazé, Leuilliot foi o voto unânime para compor o comitê de secretariado, cargo que exerceu até próximo a sua morte.

Na revista, observamos que a direção ficou a cargo de Marc Bloch e Lucien Febvre até julho de 1940, quando, devido às leis antisemitas, Marc Bloch foi obrigado a se desvincular da revista. Sobre esse ponto, Lucien Febvre questionou-se sobre a possibilidade de uma fusão entre a revista com a *Revue de Synthèse historique*. Essa opção facilitaria a manutenção da publicação dos *Annales*. Contudo, ela foi desconsiderada devido à convicção de Febvre: “Evidentemente é preciso salvar os *Annales*” (MULLER, 2003, p.XXX) (b). Devido à ocupação, o local da impressão da revista passou a ser em Limoges, em uma zona não ocupada. Em consequência desse fato, houve alguns atrasos nas publicações, como a edição de maio de 1940, que foi publicada apenas no final daquele mesmo ano com a data retroativa. Porém, esse subterfúgio utilizado por Febvre não duraria muito tempo, pois logo veio à declaração de guerra.

Com a guerra declarada, as publicações dos novos números dos *Annales* passaram a estar submetidos a uma autorização do governo antisemita. A este fato, encontramos um triplo problema. O primeiro, o fato de todos os cheques referentes aos *Annales* estarem em nome de Marc Bloch. O segundo problema foi a presença do nome de Marc Bloch na capa da revista dos *Annales* e, por fim, a localização da sede da redação da revista, pois havia um status diferente em função da zona de edição e de distribuição dela.

³² « Il est difficile de prévoir les événements, dans cette étrange guerre sans guerre; on peut bien faire quelques hypothèses. malheureusement (ou heureusement pour votre patience envers des ratiocinations assez vaines), entre les renseignements qui me sont communs avec tout le monde et ceux qui, par bribes, me viennent de mes nouvelles fonctions, j'ai trop de peine à opérer un tri assuré et je préfère de ne pas vous assassiner de suppositions. Je n'ai pas la hantise du confidentiel. Mais je crois que c'est une bonne règle d'éviter de parler quand on vit, comme ici, entouré de papiers infiniment "secrets", dont les trois quarts ne devraient pas l'être, dont un quart, par contre, l'est vraiment ».



Com esse triplo problema, Lucien Febvre encontrou apenas três saídas: a primeira seria sacrificar a revista, proposta esta defendida por Bloch em determinado momento; a segunda opção, seria seguir as condições exigidas pelo governo de Vichy; e, por último, transferir a sede dos *Annales* para uma zona não ocupada ou para os Estados Unidos, ou ainda, afastar Marc Bloch da revista até a rendição dos alemães.

A estas condições, Marc Bloch escreveu para Lucien Febvre: “a grande questão são os *Annales*” (MULLER, 2003,b p.XXI). Febvre, por sua vez, fez o possível para ter as autorizações necessárias para a publicação da revista, negando-se desse modo a dividir os *Annales* em duas sedes. Contudo, apesar de manterem um contato cordial, a situação entre os pais fundadores foi se desgastando cada vez mais, pois Bloch estava decidido a não permitir que a revista fosse publicada na zona ocupada sem o seu nome. Podemos notar esse fato na longa correspondência entre ambos em 16 de abril de 1941:

Depois de ter tudo considerado com atenção – e acredite-me que refleti longamente – não suporto ver os *Annales* serem publicados na zona ocupada e nem sem o meu nome. Talvez tivesse resignado, caso necessário, a uma dessas duas coisas. Mas as duas juntas não! ... Eu não preciso justificar minha decisão. Você a compreenderá. (MULLER, 2003,b p.123-125)

Em resposta Febvre argumentou:

Manter os *Annales*; obedecer desse modo, não somente as vozes dos que nos escreveram na rua du Four, ou os que vieram a nossa casa, mas ainda, ao meu próprio voto de sacrificar, uma vez mais, as semanas do meu pobre tempo aos desejos ingratos, mas salvar uma empresa digna de ser salva. Pareceu-me um dever. Você me disse: “Não, não posso”. Eu observo. Eu me curvo. Com a morte na alma. (MULLER, 2003b, p.125)

Febvre ainda conclui: “E eu termino como comecei. Dois espíritos. De homens? Não. Da zona ocupada, sim. Feito formidável. O mais formidável, o mais amargo de todos” (MULLER, 2003b, p.128)

No final desse embate, Marc Bloch recuou em relação ao fechamento da revista e voltou a colaborar na própria revista com o pseudônimo de Marc Fougères. Portanto, a revista, nesse momento, passou a ter a direção única de Lucien Febvre, com uma grande participação de Paul Leuilliot que, inclusive, passou a assinar junto com Febvre, os cheques emitidos pela revista dos *Annales*.

Após o brutal assassinato de Marc Bloch, Lucien Febvre continuou na direção da revista até 1946, quando Fernand Braudel passou a estar ao seu lado. Em relação à morte de Bloch, Febvre escreveu um pequeno artigo, claramente emocionado, intitulado: “*Marc Bloch Fusillé [...]*”:



Eu rompo enfim o silêncio, o doloroso silêncio que tenho guardado depois de semanas. Nenhuma dúvida sobrevive mais em meu espírito. Marc Bloch, extraído em 16 de junho de 1944, de uma célula onde os alemães o haviam trancado, na primavera, em Lyon, no sinistro Fort Montluc, foi fuzilado com 26 companheiros, 26 outros franceses de boa raça, detidos como ele pela Gestapo. Ele foi fuzilado no campo, um lugar chamado “Les Roussilles”, no caminho de Trévoux para Saint- Didier-de-Formans, cerca de 25 quilômetros ao norte de Lyon. [...] Nós iremos render a Marc Bloch a homenagem que ele merece, mas que não liberam nossos espíritos, nem nossos corações de volta a ele [...] Ele está morto. E eu ainda não consigo compreender plenamente tudo que implica essas três pequenas palavras. Para a Ciência, para a França, para os Annales assim como para mim mesmo.³³ (FEBVRE, 1944, p.05-08)

A partir de 1946, Febvre passou a delegar maiores poderes a Fernand Braudel, que iria substituí-lo, após madrugada do dia 25 para 26 de setembro de 1956, quando Lucien Febvre faleceu em sua propriedade em Souget. Segundo Braudel:

Em menos de trinta anos de sua própria história, os Annales de Marc Bloch e Lucien Febvre tem experimentado um crescimento e uma radiação excepcional. Eles também conheceram dificuldades excepcionais. A trágica morte de Marc Bloch em 1944, e há alguns meses, a repentina morte de Lucien Febvre. Mas os Annales devem continuar.

A mais velha aventura do espírito que é a história necessita continuar sua caminhada, que jamais é sem surpresa. Ela é muito ligada às aventuras do espírito e do homem para parar em um estado dado da técnica, da problemática ou do hábito. Nem Marc Bloch, nem Lucien Febvre tiveram a vontade ou a ilusão, tendo fundado uma escola, com suas fórmulas e soluções.³⁴ (BRAUDEL, 1957, p.1-2)

172

Com a morte dos dois fundadores e diretores, os *Annales* passaram a ter a direção única de Fernand Braudel, que contou com o total apoio de Paul Leuilliot, único membro da equipe fundadora vivo. Nessa nova fase, a própria problemática da revista foi reformulada para responder às novas demandas, não mais de um movimento historiográfico que se encontrava às margens da grande historiografia, mas de um movimento historiográfico que havia se transformado na própria historiografia dominante e, por isso, passível de ataques.

³³ Je romps enfin le silence, le douloureux silence que je garde depuis des semaines. Aucun doute ne subsiste plus dans mon esprit. Marc Bloch, extrait le 16 juin 1944, de la cellule où les Allemands l'avaient enfermé, au printemps, à Lyon, dans le sinistre Fort Montluc, a bien été fusillé avec 26 compagnons, 26 autres français de bonne race, détenus comme lui par la Gestapo. Il a été fusillé dans un champ, au lieu dit « Les Roussilles », sur le chemin de Trévoux à Saint-Didier-de-Formans, à quelque 25 kilomètres au nord de Lyon. [...] Nous saurons rendre à Marc Bloch l'hommage qu'il mérite, mais qui ne libérera ni nos esprits, ni nos coeurs envers lui [...] Il est mort. Et je n'arrive pas encore à réaliser pleinement tout ce qu'impliquent ces trois petits mot. Pour la Science, pour la France, pour les Annales aussi et pour moi-même .

³⁴ En moins de trente ans de leur propre histoire, les Annales de Marc Bloch et de Lucien Febvre ont connu un essor et un rayonnement exceptionnels. Elles ont aussi connu d'exceptionnelles difficultés. La mort tragique de Marc Bloch en 1944; il y a quelques mois à peine, la mort brusque de Lucien Febvre. Mais les Annales se doivent de continuer.

La très vieille aventure de l'esprit qu'est l'histoire doit poursuivre sa marche qui n'est jamais sans surprise. Elle est trop liée à toutes les aventures de l'esprit et de l'homme pour s'arrêter à un stade donné de la technique, de la problématique ou de l'habitude. Ni Marc Bloch, ni Lucien Febvre n'ont eu la volonté ou l'illusion d'avoir fondé une Ecole, avec ses formules et ses solutions.



Referências:

ALTUNA, Jose Antonio Ereño. *Lucien Febvre, combates por el socialismo*. Bilbao: Universidad de Deusto, 1994.

BARROS, José D'Assunção. *Teoria da História: A Escola dos Annales e a Nova História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BERR, Henri. *La synthèse en histoire: essai critique et théorique*. Paris: Librairie Félix Alcan. 1911.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

_____. *Os Reis Taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio na França e Inglaterra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *L'Histoire, la Guerre, la Résistance*. Paris: Quarto/ Gallimard, 2006.

_____. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2011.

_____. L'Histoire dans le monde en ruines. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, T.30, p.01-15, 1920.

BRAUDEL, F. Les Annales continuent. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisations*, Paris, Vol.1. p.1-2, 1957.

BURGUIÈRE, André. *Dicionário das Ciências Históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

DOSSE, François. *A história em migalhas: dos Annales à Nova História*. Bauru: EDUSC, 2003.

DUBY, Georges. *A história continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Lisboa: Editorial Presença. 1989.

_____. *O Reno: história, mitos e realidades*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *A Europa: gênese de uma civilização*. Bauru: EDUSC, 2004

_____. *Vivre l'histoire*. Paris: Robert Laffont/ Armand Colin. 2009.

_____. *Martinho Lutero, um destino*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

_____. L'histoire dans le monde en ruines. *Revue de Synthèse Historique*, Paris, T.30, p.1-15, 1920.

_____. Marc Bloch Fusillé. *Mélanges d'histoire sociale*, Paris, Vol.6. p.5-8, 1944.

_____. Henri Pirenne 1862- 1935. *Annales d'Histoire Économique et Sociale*, Paris, Vol.5. p.529-530, 1935.

FINK, Carole. *Marc Bloch: uma vida para a história*. Oeiras: Celta Editora, 1995.

HÉMARDINQUER, Jean-Jacques. Paul Leuilliot (1897-1987). *Annales Économie, Société, Civilisation*, Paris, T.6. p.1251-1253, 1987.

LE GOFF, Jacques. *A nova história*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

LEUILLIOT, Paul. Entre deux crises: L'Europe de 1815 à 1848. *Annales d'histoire économique et sociale*, Paris, t.4. p.474,1932.

_____. Trois manuels d'histoire économique. *Annales d'histoire économique et sociale*, Paris, t.6. p.75,1934.

_____. Données sur l'agriculture mondiale. *Annales d'histoire économique et sociale*, Paris, t.7. p.66-67, 1935.

_____. Historiographie et programme d'études algériennes. *Annales d'histoire économique et sociale*, Paris, vol.8. p.564, 1936.

_____. Lucien Febvre a Strasbourg. *Annales. Économies, Sociétés, Civilisation*, Paris, n02. P. 209, 1958.

LIMA, Andrew G. O. Lucien Febvre e a Europa: as fronteiras da história. 2010. 136f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

LYON, B. e LYON, M. *The Birth of Annales History: Letters of Lucien Febvre and Marc Bloch to Henri Pirenne 1921-1935*. Bruxelles: Commission royale d'histoire. 1991.

MÜLLER, Bertrand. *Correspondance: La naissance des Annales 1928-1933*. Paris: Fayard, 1994. Vol.I.

_____. *Correspondance: De Strasbourg à Paris 1934-1937*. Paris: Fayard, 2003a. Vol.II.

_____. *Correspondance: Les Annales en crises 1938-1943*. Paris: Fayard, 2003b. Vol.III.

NOVAIS, Fernando; SILVA, Rogério F. *Nova História em perspectiva*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. Vol.I.

ROJAS, Carlos A. A. *Uma história dos Annales (1921-2001)*. Maringá: Editora UEM, 2004.

SARTRE, J. Paul. Conscience haine de son siècle. Par John Gerassi. 1992.